

A VERGONHA NACIONAL

O que mais me dói nos filmes da segunda guerra é ver como vidas foram interrompidas, famílias separadas, crianças aprisionadas e mortas, exclusivamente, por ideologia. Muitos algozes se deleitavam em suprimir o mínimo de dignidade de suas vítimas e de lhes imprimir mais dor do que necessário ao mal, que supostamente por ordens superiores deveria executar. Eles, os agressores, agiam como nem seres vivos fossem, pois somente assim justificaria tamanha falta de humanidade.

No corrente mês, precisamente, na noite do dia 26, deparei-me com situação de magnitude similar, com agravante de ainda estar velada e o mal não ter sido reparado. Como acho doloroso encarar meus próprios erros e as partes sombrias da minha personalidade e penso que esse desconforto também é válido para uma Nação, no caso o Brasil.

Falo especificamente da realidade das pessoas atingidas pela hanseníase, quer direta ou indiretamente. A aversão a esses indivíduos está atrelada as ideias de desonra, expiação de pecados e remonta os tempos bíblicos, quando a doença era denominada de lepra.

Sem ter a menor noção da existência deles ou para onde iria, aceitei o convite de um colega de trabalho, apenas e literalmente por educação, pois desejava estar com o resto da turma e conhecer à noite na capital goiana.

Dirigimo-nos a um local afastado, provavelmente, na divisa com outro município, para uma capela dentro de uma colônia, para onde os hansenianos eram banidos, e como a maioria não tem para onde ir e ainda são vítimas de preconceito, permanecem por lá.

Tinha umas duzentas pessoas, tanto os que haviam sido acometidos pela doença, quanto seus parentes de várias gerações, além de duas jornalistas. Procurei me distanciar, a fim para tentar entender do que se

tratava.

O colega inteirava a todos das demandas políticas que caminhavam a passos lentos em Brasília, como a questão dos filhos separados e da exploração do trabalho deles nas próprias colônias. Ele também convocava a população da localidade a marcharem para capital federal munidos com uma boneca para representar os filhos retirados dos pais pelo Estado Brasileiro, que continuou agir dessa maneira, mesmo após a descoberta da cura e da prática de segregação, principalmente a de familiares, ter sido condenada pela Organização Mundial de Saúde.

Paralelamente, uma jornalista mostrava-me imagens feitas naquele dia, de documentos lançados no lixo pela administração do lugar. Muito provavelmente, papéis que poderiam auxiliar como prova das injustiças cometidas contra aquelas pessoas.

Fiquei sabendo que até a década de 60, por força de lei, os doentes eram capturados e obrigados a viver nas colônias e que seus filhos eram enviados a reformatórios ou entregues a parentes. Tais crianças eram estigmatizadas, maltratadas e até abusadas sexualmente. Além de denegriam por completo a imagem dos pais, o que hoje poderíamos analogicamente conceituar como alienação parental pelo Estado. Existem, inclusive, relatos de que entregavam brinquedos com os dedos e membros cortados numa alusão à condição física dos genitores.

Quanto à referência ao trabalho deles, fui informada que trabalhadores de fora da colônia não queriam emprego naquele espaço, por isso mandavam os internos executar as tarefas aparentemente como terapia ocupacional, não recebendo nada ou quase isso.

Afastada, enquanto aguardava tirarem fotografia com o palestrante, ouvia depoimentos pessoais que me remetiam a mesma comoção sentida pelos judeus e acima mencionada.

Ao final da noite, comi pão de queijo na casa de um casal ali residente, onde mais uma vez senti que tinha sido transportada para outra

época, quer seja pela decoração do ambiente, quer pelas notícias de que continuavam sendo maltratados, como, por exemplo, a entrega da doação de peixe na semana santa, apenas quando já se encontravam estragados.

Assim, do mesmo modo que enfrentar nossas imperfeições nos ajudar a tornar criaturas melhores, trazer à tona esse lamentável capítulo da história do Brasil e reparar os malefícios perpetrados contra tais brasileiros, tornará o país mais digno e humano para todos.

Yélena Monteiro Araújo

Promotora de Justiça em Recife

http://www.mp.pe.gov.br/caravanadapessoaidosa/?page_id=80